

Aproximando “Avaliação” de “Avaliação”: O que as áreas de Administração e Educação estão estudando sobre o assunto?

Approaching "Evaluation" of "Evaluation": What are the areas of Administration and Education studying on the subject?

¹Rafael Martins Sais, ²Menithen Ness Gouveia

Resumo:

Avaliar é um tema em disputa ao longo dos tempos. De um lado se tem aqueles que a entendem como ciência enquanto do lado oposto aparecem aqueles que a defendem como uma arte. Independente disso percebe-se que avaliar assume uma construção simbólica e também concreta tendo por base as diferenças existentes nos diferentes pontos da ciência. Com isso, os temas da Avaliação são continuamente tratados em diferentes campos das ciências, como aqueles presentes no campo da Administração e no campo da Educação, evidenciando algumas disputas ideológicas e até mesmo conceituais. O objetivo deste trabalho é demonstrar as diferenças existentes entre o termo em dois campos de estudo bem distintos: Administração e Educação. Para tanto foi realizada uma pesquisa bibliográfica como fonte de informações. Os resultados demonstraram que as diferenças existentes, conceitualmente, alteram a percepção dos sujeitos sobre o tema sem excluírem-se mutuamente ou identificando a melhor maneira, tendo em vista que os modelos acabam por se complementarem.

Palavras-chave: Avaliação, Administração, ciência.

Abstract:

Evaluating is a subject in dispute over time. On one side you have those who understand how science as opposite those that appear as a stand art. Regardless, it is clear that evaluate assumes a symbolic and concrete construction also based on the differences in different parts of science. With this, the themes of evaluation are continually addressed in different fields of science, such as those present in the field of Administration and in the field of Education, evidencing some ideological and even conceptual disputes. The objective of this work is to demonstrate the differences between the term in two very different fields of study: Administration and Education. For this, a bibliographic search was conducted as a source of information. The

¹Administrador, Especialista em Gestão Pública, Mestre em Gestão Educacional. rafaelmais@unipampa.edu.br

²Administradora, Especialista em Logística Empresarial e Especialista em Gestão Pública e Desenvolvimento Regional, Mestranda em Gestão de Organizações. menithengouveia@unipampa.edu.br

results showed that the existing differences conceptually alter the perception of the subjects on the subject without excluding each other or identifying the best way, since the models end up complementing each other

Key words: *Evaluation, Administration, science.*

1. Introdução

A avaliação assume muitos sentidos e muitos tipos distintos de olhares principalmente quando se entende que os olhares são importantes é necessário distinguir de onde parte o sujeito e principalmente qual a forma de olhar para a avaliação. Segundo Saul (1994) *Apud* Zanardini (2011) quando se fala em avaliação, não estamos sempre nos referindo à mesma coisa: "*Já houve quem dissesse que avaliação é um casaco de várias cores, indicando assim que, apesar de ter a mesma raiz, a mesma essência, a avaliação tem muitos ramos, muita dimensões*".

Para Belloni (1989) a avaliação é um processo de "tomada de consciência e de aferição da propriedade do desenvolvimento de uma ação", cujo objetivo maior é a correção e aperfeiçoamento de rumo. Para Zanardini (2011) ao refletirmos a respeito da forma como o ato de avaliar acompanhou a humanidade ao longo de sua história consoante com o modo como os homens organizaram a produção e manutenção de sua vida, o trabalho se mostra como fundamento da avaliação. O processo de avaliação é resultado de complexas mediações cujas raízes brotam do trabalho, logo, pensamos que, no plano ontológico, estas mediações, bem como o ato de avaliar, devem ser entendidas com base *no trabalho*.

Partindo deste pressuposto, diferentes olhares se tornam importante para um objeto muitas vezes estes olhares distintos trazem contribuições, abordagens, argumentos e conceitos que, ao longo do tempo, podem ser considerados importantes diante da realidade social e econômica de seus contextos. Neste mesmo sentido tem se observado que algumas teorias e práticas administrativas vêm munindo organizações com *métodos* e gerenciamento sistemáticos,

fundamentados em diagnósticos que permitem formular soluções planejadas estrategicamente o que pode influenciar na decisão dos agentes por um ou outro enfoque.

O termo avaliar tem sua origem na língua latina, na composição *a-valere* que significa “*valorar a*”, “*dar valor a*” (ZANARDINI, 2011). Partindo deste conceito podemos afirmar que ele é formulado tendo por base as determinações do comportamento de atribuir valor, ou qualidade, a alguma coisa, realização ou decorrer de uma ação que, por si só, admite um posicionamento que nega ou reforça positivamente o objeto ou, como observado anteriormente, a coisa, a realização ou o decorrer da ação avaliada.

2. Metodologia

O capítulo metodológico é um dos capítulos mais complexos de serem inscritos, todavia, buscarão dar alguns direcionamentos e indicar os caminhos que estamos propondo na busca de informações a respeito de nosso problema de pesquisa. De início observa-se que a opção por um “método de pesquisa” espelha as reflexões acerca deste trabalho, indicando o cuidado em alinhar os objetivos propostos, problema de pesquisa e as características do objeto em análise (GUBA; LINCOLN, 2005). Portanto, nossa escolha reflete, sobretudo, na maneira que acreditamos ser a mais adequada para condução de respostas na busca de nossas inquietações.

A natureza da pesquisa proposta é Qualitativa. Entendemos que a natureza da pesquisa qualitativa auxilia na descrição detalhada de fenômenos e dos elementos que o envolvem, no depoimento dos atores envolvidos, nos discursos e na contextualização (Vieira, 2006, pag. 15). Ainda, tende-se a acreditar que a pesquisa qualitativa, muito utilizada em pesquisas da área da Educação e com certa frequência na área de Administração, nos permitirá a utilização de técnicas para sua

análise de fenômenos vinculados a expressão dos temas estudados de maneira mais clara.

A escolha desta natureza leva a sério o contexto e os casos para entender uma questão de estudo (Flick, 2004, 2009).

De modo diferente da pesquisa quantitativa, os métodos qualitativos consideram a comunicação do pesquisador com o campo e seus membros como parte explícita da produção de conhecimento, ao invés de excluí-la ao máximo como uma variável intermédia. As subjetividades do pesquisador e daqueles que estão sendo estudados são parte do processo de pesquisa (Flick, 2004).

Segundo Denzin e Lincoln (2006) os pesquisadores qualitativos ressaltam a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação do pesquisador com o que é estudado e as limitações situacionais que influenciam na investigação. Deste modo compreender as relações que se estabelecem é também parte do processo de descrição e interpretação. De certo modo, as pesquisas qualitativas ressaltam o modo como a experiência social é construída e adquire significado. Deste modo é possível indicar que a ênfase nas pesquisas qualitativas é a interpretação, suscitada pelo encontro entre pesquisador e sujeitos, que compartilham seus sentidos e estabelecem novos significados a partir desta relação (ANGROSINO; MAIS DE PÉREZ, 2003 apud VECHIO, 2010).

Por consequência do tipo de pesquisa escolhido– neste caso qualitativo – entendemos que o presente estudo pode ser considerado um estudo analítico, com vistas à obtenção de um esquema de análise exploratório-interpretativo, através do aprofundamento acerca do objeto analisado. No entanto entendemos que a pesquisa deverá se desenvolver por meio de uma pesquisa bibliográfica, como estratégia de investigação, contemplando descrições, explanações e síntese sobre a temática levantada.

Segundo Lima e Miotto (2007) para a realização de uma pesquisa bibliográfica é necessário guiar-se por caminhos não-aleatórios, convencionados, uma vez que esse tipo de método requer alto grau de cuidado epistemológico, de

observação e de cuidado na escolha e no encaminhamento dos procedimentos metodológicos. Estes, ainda segundo as autoras, necessitam de critérios claros e definidos que deverão ser constantemente avaliados e redefinidos à medida que se constrói a busca por soluções ao objeto de estudo proposto.

3. Resultados

Os resultados estão expressos separadamente. Primeiro apresentamos os resultados no campo da Educação e posteriormente no campo da Administração.

3.1 O campo da Avaliação para a Educação

Um dos primeiros achados neste campo foram as afirmações de Nagel (1996) sobre o tema. Para este autor:

A avaliação só tem função social quando está intimamente vinculada a um projeto de vida para os homens. Educa-se, ensina-se, para a sociedade que se deseja ver transformada (ou não). Se não existe projeto de vida para os homens obterem o que ainda não foi alcançado, não há necessidade social de avaliação a não ser a de preencher com notas os boletins curriculares individuais. A avaliação em si mesma, tomada como operação técnica, não tem sentido, nem significado. A avaliação tem – enquanto técnica – a função de prover informações úteis aos homens. E é nos limites dessa possibilidade técnica de prover informações úteis, importantes, necessárias aos homens, que a questão básica se impõe: o que é útil, importante e necessário para os homens? (NAGEL, 1996)

No campo da educação o estudo identificou que a lei de diretrizes e bases da educação brasileira (LDB) é o documento normativo que prevê a avaliação como parte do processo de aprendizagem e crescimento das Instituições. Apesar disto, sua última versão é considerada recente, datada de 1996, produzindo até o momento poucos resultados dado o tamanho e dimensão do seu sistema de avaliação.

Segundo FRANCO, ALVES e BONAMINO (2007) a partir da década de 90 com um governo neoliberal e políticas liberais e uma visão mais de racionalidade sobre as instituições é que a preocupação com a avaliação começa a tomar forma,

tendo em vista as críticas existentes principalmente sobre os problemas de falta de acesso, no fluxo e na qualidade da educação realçado ainda pelas diferenças culturais e pela grande dimensão que a avaliação deveria compreender.

Falando em sistemas avaliativos o sistema iniciou, ainda sob a égide da lei de 1996 preocupando-se com a avaliação da educação básica, através do Sistema de Avaliação da Educação Básica – SAEB (instituído por portaria do MEC de 2005) e o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM (criado em 1998) e a utilização de metodologias avaliativas em larga escala e migrou, a partir de 2004, para o modelo denominado de Sistema de Avaliação da Educação Superior – SINAES que analisa instituição, os cursos e o desempenho dos estudantes universitários, levando em conta aspectos como o ensino, pesquisa, extensão, responsabilidade social e o corpo docente.

Ainda de acordo com Franco, Alves e Bonamino (2007) o SAEB foi reorganizado incorporando a possibilidade de comparação dos resultados ao longo do tempo e a perspectiva das escolhas e práticas educacionais sobre o desempenho dos estudantes e, principalmente, a possibilidade dos gestores municipais e das escolas de receberem recursos diretamente sob a égide da eficácia, ficando sob a responsabilidade destes gestores recursos que em síntese serviriam para despesas administrativas da própria escola/instituição de educação no nível local, com isso, revalorizando uma *racionalidade técnica da política* da educação preocupava-se com uma atividade-meio com o qual almejava equacionar problemas de acesso de qualidade do modelo proposto.

No que se refere à avaliação da Educação Superior ela começou a adquirir importante relevância acadêmica e social nas últimas duas décadas, especialmente porque as políticas públicas de educação passaram a dar grande visibilidade aos processos avaliativos (SILVA; GOMES, 2011). O tema avaliação passou a fazer parte da agenda da educação brasileira, tendo como uma das consequências o aumento no número de estudos sobre o tema e sua prática foi legitimada permitindo

que as IES pudessem aprofundar os diagnósticos articulando a avaliação com a gestão.

Sua consolidação deu-se com a criação do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES também conhecido, inicialmente, como o “novo instrumento de avaliação superior da educação” e criado para analisar as instituições (públicas e privadas), os cursos e o desempenho dos estudantes. Diante de tais processos a intenção de tais informações é orientar, institucionalmente, os estabelecimentos de ensino superior e para embasar políticas públicas. Ainda, o objetivo do SINAES é “assegurar o processo nacional de avaliação das Instituições de Educação Superior, de cursos de Graduação e do Desempenho Acadêmico dos estudantes, buscando a melhoria da qualidade do ensino superior” (BRASIL, 2004).

Alguns autores entendem que, devido as grandes transformações e significados da Universidade, seus impactos na estrutura do Estado e na sociedade fizeram emergir um novo paradigma de conhecimento (re)conceituando o conceito de educação e de políticas de avaliação com isso tornando a avaliação um paradigma mais técnico-instrumental-objetivista, levando em consideração, atualmente, diferentes dimensões avaliativas: Institucional ou de cursos cujo enfoque avaliativo muda para atender a amplitude da observação.

Dentre as ações do SINAES é possível identificar três grandes pilares do processo de avaliação: Avaliar a Instituição; os Cursos de graduação e o Desempenho dos estudantes universitários. Não menos importante, mas foco deste trabalho é entender a avaliação institucional, pois conforme Leite (2005) Como processo, a avaliação institucional *constitui um serviço prestado à sociedade na medida em que os participantes da instituição possam repensar seus compromissos e metas*, modos de atuação e finalidades de suas práticas e de sua missão.

Seguindo o olhar da Avaliação Institucional diz Dias Sobrinho (2000):

São através da Avaliação Institucional contínua, global e formativa que a Universidade adensa as suas relações sociais e pedagógicas. Esse processo de forte sentido formativo contribui continuamente

para a melhor definição dos papéis e dos compromissos dos indivíduos na intrincada malha de relações sociais da Instituição.

Ainda segundo DIAS SOBRINHO (2000) a Universidade é uma instituição em que todas as questões e dinâmicos estão inter-relacionados e assumem dimensões globais se a elas atribuímos os significados de relações.

3.2 O campo da Avaliação para a Administração

No campo da Administração os resultados foram bem distintos. Começamos por definir que ao tratar o tema no campo da Administração a Avaliação assume um adjetivo comum “de empresas”, tornando o olhar com um viés mais econômico do que no modelo/método anterior.

Segundo SAURIN, LOPES e COSTA JUNIOR (2009) não existe uma resposta certa para o problema de avaliação de empresas. Para estes autores a Avaliação é muito mais uma “arte” do que uma “ciência” ainda que baseada em critérios objetivos. Os métodos clássicos de avaliação estão baseados no valor potencial ou dinâmico (valor da empresa em operação). Segundo esses autores a determinação do valor de uma empresa é uma tarefa complexa, exigindo coerência e rigor conceituais na formulação da sistemática de cálculo.

Historicamente, a ideia de buscar um valor justo para uma empresa surgiu após a grande queda da Bolsa de Valores de Nova York em 1929, particularmente a partir de um livro clássico da área de administração financeira chamado *Security Analysis* dos autores Graham e Dodd datado de 1934. Nesse livro estes autores descreveram um dos postulados básicos da análise financeira tradicional, é que um investidor nunca deve pagar mais por um ativo do que o valor presente dos fluxos de caixa futuros desse investimento.

Segundo o ponto de vista clássico da área a avaliação é entendida como a possibilidade de identificar um valor atual, quase que como “*tangenciar o tangível e o intangível*” para que dele se possa extrair um valor no presente e no futuro.

A escolha do melhor método de avaliação não garante o valor mais correto da empresa, pois a seleção rigorosa de premissas e a utilização de uma forma de projeção adequada são de fundamental importância. Ainda que O desafio da avaliação de empresas é que o valor resultante de fatores que estão no futuro, levando em consideração premissas individuais e subjetivas do agente. Como o futuro é incerto e imprevisível, e como as premissas são variáveis, não se pode nunca esperar que um método obtenha o real valor de uma empresa. Tudo que se consegue são estimativas razoáveis do valor justo de uma empresa (SAURIN, LOPES e COSTA JUNIOR, 2009).

Um dos métodos utilizados é o **método de avaliação pelo valor de perpetuidade** no qual deve abranger dois períodos distintos: (1) abrange o horizonte de tempo variável de projeções dos fluxos de caixa operacional e (2) abrange o período após o horizonte de projeção anteriormente mencionado, assim a avaliação da empresa estará sendo realizada com base no fluxo de caixa que ela será capaz de produzir, pela quantidade de anos sobre os quais se consegue prever, com razoável confiança, o comportamento das principais variáveis operacionais relevantes.

Outro modelo também utilizado é o **método de avaliação pelo valor econômico da empresa** neste método levam-se em consideração elementos como valor presente dos fluxos de caixa, valores residuais ou valor da perpetuidade e o valor de mercado dos ativos operacionais.

Ainda, há outro modelo também muito utilizado denominado **modelo de avaliação com base no fluxo de caixa descontado** e é considerado, dentro da teoria financeira, uma das mais eficientes pois revela a efetiva capacidade de geração de riquezas de uma empresa cujo método baseia-se na teoria de que o valor de um negócio é função dos benefícios futuros que ela irá produzir, ou seja, a capacidade de produzir riquezas futuras

Outros olhares no campo da Administração também foram identificados como a Avaliação de Desempenho, por exemplo. Todavia, por trabalharmos em uma dimensão Institucional, entendemos que os resultados possam ser suprimidos.

Por fim, é preciso compreender que o modo de avaliação de empresas segundo a óptica gerencial a avaliação busca um equilíbrio de justiça entre ativos tangíveis e intangíveis e sobressaem interesses conflitantes dentre eles interesses sociais e econômicos de modo se busca um equilíbrio entre o que se acredita ser um *valor econômico justo*. Juntos ou separadamente os métodos proporcionam uma forma de compreender a visão do *homo economicus* e que de sobremaneira indústrias e empresas de capitais tangíveis conseguem atribuir valores dentro do complicado mundo das equações cuja avaliação resulta num valor mais econômico/monetário do que social.

Conclusões

No contraponto da observação se apresenta a avaliação do ponto de vista do modelo vigente: o SINAES ainda não consegue captar e tornar tangíveis o dia-a-dia das instituições de educação tornando a avaliação mais interessante do ponto de vista de quem a realiza ou de quem está diariamente produzindo e reproduzindo conhecimentos.

Por outro lado o modelo de avaliação da educação ainda está centrado em uma lógica mais humana e adaptado a cada contexto das Instituições de Educação. Com isso os diferentes instrumentos e itens avaliativos acabam sendo moldados pelo contexto que se explicita.

Por fim, se percebeu que as análises são muito distintas e suas aproximações são desnecessárias e dois modos de avaliação epistemicamente distintos (dentre outros possíveis) o que afasta a tese de aproximação entre os métodos, mas não afasta os profissionais com suas expertises e conhecimentos sobre a temática.

Referencias

BELLONI, I. Avaliação da Universidade: por uma proposta de avaliação consequente e compromissada política e cientificamente. In: VIEIRA, S. L. et. a. **A Universidade em questão**. São Paulo, Autores Associados, 1989.

DIAS SOBRINHO, J.. Avaliação institucional, instrumento de qualidade. IN: BALZAN, N. C. & DIAS SOBRINHO, J. (Orgs). **Avaliação Institucional: teoria e experiência**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

DIEHL, Tania Maria. Principais Métodos de avaliação de empresas: Vantagens e Desvantagens. **Monografia de Graduação**. UFRGS. Porto Alegre, 2010. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/27207/000763379.pdf>> acesso em 01/05/2016.

FRANCO, C.; ALVES, F.; BONAMINO. Qualidade do ensino Fundamental: Políticas, suas possibilidades e limites. **Revista Educação e Sociedade** Vol. 28, n. 100. Campinas: Out/2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> acesso em 01/03/2017.

LEITE, Denise. **Reformas Universitárias: avaliação institucional participativa**. Petrópolis: Vozes, 2005.

LIMA, T. C. S. de; MIOTTO, R. C. T.. Procedimentos Metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katálysis**. Florianópolis v. 10. 37-45. 2007. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe>> acesso em 01/08/2017.

MÜLLER, A.; TELO, A. R.. Modelo de Avaliação de Empresas. **Revista da FAE**. V.6 n.2. Curitiba: Maio/Dez, 2003. Disponível em <http://oscar.renno.nom.br/Projetos/08_AderbalEVA.pdf> acesso em 04/03/2017

NAGEL, L. H. **Avaliação, sociedade e escola: fundamentos para reflexão**. Curitiba, PR. Secretaria de Estado da Educação, 1996.

SAURINI, V.; LOPES, A. L. M.. Comparação dos modelos de avaliação de empresas com base no fluxo de caixa descontado e no lucro residual: Estudo de caso de uma empresa de energia elétrica. **Revista de Administração Mackenzie** V.10 N. 1. São

Paulo: Jan/Fev/2009. Disponível em
<<http://www.scielo.br/pdf/ram/v10n1/v10n1a05.pdf>> acesso em 04/03/2017.

SILVA, A. L.; GOMES, A. M.. Avaliação institucional no contexto do Sinaes: a CPA em questão. **Avaliação**. Campinas, Sorocaba, v. 16, n. 3, nov. 2011.

ZANARDINI, J. B.. A ontologia do ato de avaliar. **Revista Perspectiva** v. 20 n1. Florianópolis: 2011.